Capítulo XXI — Imitadores do bom Ladrão

> **Sumário.** A conversão do bom Ladrão inspira confiança. — Condena a presunção. Palavra de santo Agostinho. — Eloquentes palavras do bispo Eusébio. — Encorajamentos dados por santo Ambrósio e por santo Agostinho. — Exemplos de grandes pecadores subitamente convertidos. — O jovem ladrão do apóstolo são João. — Sua história.[1]

Depois da reforma do Breviário Romano, o ofício do bom Ladrão foi pedido, primeiro, pela Ordem europeia, tão célebre na história da caridade católica, de Nossa Senhora da Mercê, para a redenção dos cativos. Que melhor patrono, que mais perfeito modelo para tantos infelizes acorrentados nas masmorras de Túnis e de Argel! O pedido foi concedido por Sisto V.

Veio em seguida, no último século, a Congregação italiana dos Pios Operários. Em reconhecimento das conversões retumbantes e numerosas obtidas nas missões pela intercessão de são Dimas, os fervorosos apóstolos pediram, em 1724, a autorização de rezar o ofício desse grande advogado dos pecadores. Roma acolheu a sua súplica; e o bom Ladrão tornou-se o protetor especial de sua ordem.

O mesmo favor foi concedido aos teatinos, dignos filhos de são Caetano de Thiene, aos servos de Maria e aos Oblatos de Marselha, heroicos missionários dos selvagens da América setentrional.[2]

A admiração não é, pois, o único sentimento que nos deva inspirar a conversão do bom Ladrão: uma doce e firme confiança na misericórdia infinita deve ser o seu fruto. Fundada no exemplo de numerosas conversões, essa confiança parece-nos estar nos votos da Igreja. Se não fosse para inspirá-la a seus filhos, pecadores ou não, por que cantaria ela nos funerais:

> *Ao atender o ladrão, destes-me confiança: Qui latronem exaudisti, mihi quoque spem dedisti?*

Sem dúvida, seria soberanamente imprudente o pecador que, autorizando-se com o exemplo de Dimas, adiasse a sua conversão para o artigo da morte. De um lado, sabe ele se terá tempo de reconhecer-se?

> *Aquele — diz santo Agostinho — que prometeu perdão ao pecador não lhe prometeu o dia seguinte: Qui veniam promisit, crastinum non promisit.*

De outro lado, a conversão do bom Ladrão é milagre de primeira ordem.

Mas o milagre é fato excepcional, e o governo da Providência não se baseia em exceções. A ninguém Deus promete nem deve milagre; menos ainda àquele que contasse com tal favor para continuar a ofendê-lo. Daí esta outra palavra de santo Agostinho:

> *Dos dois ladrões um se converteu, para que não desespereis; mas é só um, para que não presumais: Unus est ne desperes, solus est ne confidas.*

Não é, pois, Deus nos livre, para adormecer numa segurança funesta os inumeráveis pecadores de nossos dias que vamos citar a conversão súbita de certo número de grandes culpados. Nosso fim é mostrar que nunca é tarde demais para voltar a Deus; que a sua misericórdia se estende a todos os séculos, inesgotável, infinita; que não há vida tão criminosa que não possa terminar por uma morte santa; que nenhum pecador, ainda que prestes a expirar, deve abandonar-se ao desespero; enfim, que o exemplo do ladrão convertido na cruz foi deixado como âncora de salvação aos pecadores moribundos e prontos a cair no abismo da impenitência final. Tal é também o pensamento dos Padres da Igreja.

> *Deus — diz o grande bispo Eusébio — estava em Nosso Senhor Jesus Cristo reconciliando consigo o mundo, isto é, a divindade operava num corpo mortal. A humanidade aparecia na fragilidade de sua natureza. A divindade revelava-se na majestade de seu poder. Homem, morre e desce aos infernos; Deus, de lá volta triunfante. Para salvar os culpados, deixa-se pôr no meio dos culpados: um está à sua direita, o outro à sua esquerda. Pelos sofrimentos de sua cruz, o Justo merece a glória a um dos ladrões. Mas, se olharmos de perto, vemos que tal favor não lhe foi concedido só para ele. Ao soltar tão grande culpado, ao remitir a tal devedor a imensa soma de suas dívidas, o Deus redentor escreveu a segurança do gênero humano.*

> *Quer que o perdão de um só desesperado seja a consolação e a esperança de todo o povo, e que um dom pessoal se torne benefício público. Por isso é preciso crer sem hesitar que, se a conversão do bom Ladrão foi a glória de sua fé, é também para nós um penhor de esperança e uma fonte de proveito. A imensa bondade de nosso Deus concede liberalmente o que sabe dever ser útil a todos.*

> *Se, pois, cheio de confiança em tal misericórdia, alguém de nós condena a sua vida passada por vida melhor, e se põe toda a confiança em Jesus crucificado, também ele se torna um bom ladrão que abre para si o céu.*[3]

Escrevendo a Teodoro, tão famoso por sua queda:

> *Tal é — diz-lhe são Crisóstomo — a clemência de Deus para com os homens que nunca repele uma penitência sincera. Ainda que o pecador tenha caído no fundo do abismo das iniquidades, se quiser voltar à virtude, recebe-o, abraça-o e nada omite para restabelecê-lo em seu primeiro estado. Outra prova ainda maior de sua misericordiosa bondade. Se o pecador não fez inteira penitência, não desdenha uma curta e ligeira, e a recompensa magnificamente. Vede o ladrão: gasta muito tempo para obter o Paraíso? O instante de pronunciar uma só palavra lhe basta; e as máculas de toda a sua vida são apagadas e, antes dos próprios apóstolos, é admitido no céu.*[4]

É igualmente para mostrar as riquezas de sua misericórdia, encorajar a nossa fraqueza e firmar a nossa confiança que Deus permitiu, e ainda permite, as quedas profundas de vários grandes santos. Essa coragem salutar, santo Agostinho a inspirava aos pecadores de todos os tempos, de todos os países e de todas as classes.

> *Davi — diz o grande bispo —, profeta, rei segundo o coração de Deus, avô do Messias, cometeu dois grandes crimes. Eis o que os homens devem evitar. Se eles mesmos caíram, escutem o que devem imitar. Muitos querem cair com Davi e não querem levantar-se com Davi. Seu exemplo não deve ensinar-vos a cair, mas a levantar-vos se caístes. Que a alegria dos fracos não seja a queda dos fortes, mas que a queda dos fortes seja o temor dos fracos. É para isso que o exemplo de Davi foi escrito; para isso que é tão frequentemente lido e cantado na Igreja.*

> *Que os pecadores se guardem, pois, de buscar uma autorização no exemplo do santo rei e de dizer: Se Davi o fez, por que não o faria eu? Propor-se cometer o mal porque Davi o cometeu é ser mais culpado do que Davi. Para pecar, Davi não se tinha proposto modelo; cai arrastado pela paixão, não animado pelo exemplo de um santo. Vós, para pecar, ponde um santo diante dos olhos e não imitais a sua santidade, mas a sua ruína. Amais, em Davi, o que Davi odeia em si. Lede, ouvis a Sagrada Escritura para encorajar-vos a fazer o que desagrada a*

> *Deus: Davi não fez isso. Foi repreendido pelo profeta, não caiu por causa do profeta.*

> *Se, entre os que me escutam, há um que já caiu, deve sem dúvida considerar a profundidade de sua ferida, mas não deve desesperar do poder do médico. O pecado com o desespero é a morte certa. Que ninguém diga, pois: Pequei, serei condenado. Deus não perdoa tais crimes. Por que me abster de pecar? Vou, pois, entregar-me a todas as minhas paixões. Não tendo mais esperança de ser salvo, quero ao menos gozar do que vejo, já que não posso possuir o que creio.*

> *O exemplo de Davi responde a tal raciocínio. Assim como torna vigilantes os que não caíram, impede de desesperar os que caíram. Ó vós que pecastes e que, por desespero de vossa salvação, não quereis fazer penitência de vossos pecados, escutai Davi gemendo. A vós não é enviado o profeta Natã, é o próprio Davi quem vem encorajar-vos e servir-vos de modelo. Ouvi-lo clamar, clamai com ele; gemer, gemei com ele; chorar, misturai as vossas lágrimas às dele; vede-o convertido, tomai parte em sua felicidade. Se não pôde impedir-vos de pecar, que vos dê a esperança de levantar-vos.*[5]

À eloquência das palavras é tempo de juntar a eloquência dos fatos. Escolhê-los-emos entre todos os gêneros de pecadores, para mostrar que a misericórdia se estende a tudo e a todos, mas de preferência entre os bandoleiros e os ladrões de estrada. De um lado, escrevemos a história do mais insigne de todos e a dedicamos a um grande ladrão. De outro, parece-nos que é nessa classe de infelizes que o bom Ladrão deve procurar os seus clientes privilegiados. É natural, com efeito, que os santos tenham interesse particular por aqueles que veem sujeitos às mesmas doenças morais de que foram vítimas e que gozem de um poder especial para aliviá-los.

O primeiro que se apresenta é o chefe de bando convertido por são João. Como a de Dimas, a sua história mostra com que rapidez age a misericórdia divina. De volta a Éfeso, depois de seu exílio na ilha de Patmos, o discípulo amado visitava, apesar de sua avançada idade, as diferentes igrejas da Ásia, de que era fundador e pai. Tendo vindo a uma cidade para regular alguns pontos de disciplina e apaziguar algumas desavenças, avistou um belo jovem, cheio de vigor e vivacidade. Logo se volta para o bispo e lhe diz:

> *Tomai cuidado deste jovem. Velai sobre ele com a maior solicitude. Confio-vo-lo em presença da Igreja e de Jesus Cristo.*

O bispo o toma sob a sua responsabilidade e promete fazer tudo o que o apóstolo lhe pede.

São João volta a Éfeso. O bispo toma o jovem em sua casa; instrui-o, vigia-o, cerca-o de cuidados paternais; enfim, admite-o ao batismo. Mais tarde, confirma-o; e, julgando-o doravante bastante forte, relaxa um pouco a sua solicitude. O jovem aproveita para viver com mais liberdade. Logo se liga a alguns jovens de sua idade, ociosos, preguiçosos e dados a toda sorte de vícios. Seus novos camaradas convidam-no a banquetes e, a contragosto, fazem-no sair à noite para torná-lo cúmplice de seus roubos e animá-lo a cometer maiores crimes.

Pouco a pouco habitua-se. Cheio de coragem e de confiança em suas forças, como o cavalo que tomou o freio nos dentes, precipita-se no abismo de todos os vícios. Desesperando de sua salvação, não conta para nada os crimes ordinários. De acordo com os companheiros, pensa em ser um herói do crime. Reúne-os e forma um bando de ladrões, de que se torna chefe por sua audácia, sua habilidade e sua crueldade.

Nesse ínterim, são João é chamado por diferentes negócios à cidade onde conhecera esse jovem. Dirigindo-se ao bispo:

> *Devolvei-me — diz-lhe — o depósito que vos confiei em presença de Jesus Cristo e da Igreja que governais.*

O bispo, espantado, não compreendeu. Julgou que o apóstolo lhe reclamava dinheiro depositado em suas mãos, de que não tinha lembrança alguma.

> *Reclamo-vos — continuou são João — o jovem que vos confiei, a alma de vosso irmão.*

A essas palavras o ancião baixa a cabeça e põe-se a chorar.

> *Morreu — diz. — Como e de que gênero de morte? Morreu para Deus. Coberto de crimes, perdido de vícios, fez-se bandoleiro. Em lugar da igreja onde habitava, ocupa uma montanha, à frente de um bando de bandoleiros como ele.*

A essa notícia, o apóstolo rasga as vestes, solta um grande suspiro e, batendo na cabeça com as mãos, diz:

>

> *Deixei a um bom guarda a alma de vosso irmão. Depressa, depressa, que me preparem um cavalo e um guia;*

e sai precipitadamente da igreja.

Vedes são João, o discípulo amado, esse ancião de quase cem anos, correr atrás da ovelha desgarrada! Chegado à montanha, cai sobre o primeiro posto dos ladrões. Não procura fugir nem defender-se: prendem-no. *«É para isso que vim — grita com todas as forças. Conduzi-me a vosso chefe.»* Este esperava, armado até os dentes.

Sabendo que era são João quem chegava, envergonhado, foge. O apóstolo, esquecendo a idade, põe-se a correr atrás dele com todas as forças, gritando:

> *Meu filho, por que fugis de vosso Pai, sem armas e alquebrado pela idade? Tende compaixão de meu cansaço. Nada temais. Ainda há para vós esperança de salvação. Responderei por vós a Jesus Cristo e, se for preciso, darei de bom grado a minha vida para salvar a vossa, como o Senhor deu a sua por todos nós. Detende-vos; tende confiança; foi Jesus Cristo quem me enviou a vós.*

Ouvindo essa linguagem, o ladrão baixa os olhos e para; depois lança fora as armas. Então, penetrado de horror, solta um amargo suspiro e cai nos braços do ancião. Tanto quanto pode, lava as suas faltas numa torrente de lágrimas; apenas esconde cuidadosamente a mão direita, porque fora o principal instrumento de seus crimes.

O apóstolo lhe assegura de novo que obterá do Salvador o seu perdão pleno e inteiro e, pondo-se de joelhos diante dele, beija-lhe a mão direita, doravante lavada no batismo da penitência, e reconduz-o à igreja. Ora muito por ele, jejua e mortifica-se com ele, nutre a sua alma de sábias máximas da Escritura, derrama nela o bálsamo da confiança, restabelece-o na paz e só o deixa depois de lhe ter dado um cargo na igreja.

Essa retumbante conversão é ao mesmo tempo o triunfo da penitência, a prova da ressurreição que ela opera e um exemplo proposto à imitação dos maiores pecadores.[6]

Seja-nos permitido acrescentar que esse episódio da vida de são João seria, para os artistas, o assunto de um magnífico quadro. A importância do fato em si mesmo, o contraste das figuras e, como moldura, as árvores, os rochedos da montanha e esse cinturão de bandidos estupefatos com o que se passa entre o ancião e o seu chefe: que campo para a imaginação, que ricos elementos para a pintura! Escolhendo tais assuntos, a arte voltaria a ser o que deve ser, um sacerdócio; ao passo que, extraviando-se como faz desde a Renascença no dédalo impuro da mitologia pagã, é um ofício estéril e quase sempre um instrumento de corrupção.

Notas

[1] Por imitadores do bom Ladrão entendemos os grandes pecadores que o imitaram pela presteza e pela sinceridade de sua conversão.

[2] Bento XIV, *ibid.* Ferraris, *Biblioth.*, v.º *Latro*.

[3] *Quare indubitanter credendum est, quod latroni illi ad commendationem fidei suæ, etiam causa spei nostræ et utilitatis accesserit. Immensa enim Dei nostri bonitas libenter tribuit, quæ etiam generaliter profutura prænoscit. Et ideo juxta fiduciam tantæ clementiæ, si quis nostrum crimina sua probabili conversatione damnaverit et Christum toto corde crediderit, etiam nunc latroni in semetipso ingressum Paradisi aperuisse se noverit.* («Por isso deve crer-se sem dúvida que àquele ladrão, para recomendação de sua fé, se acrescentou também a causa de nossa esperança e utilidade. A imensa bondade de nosso Deus, com efeito, concede de bom grado o que prevê que será geralmente proveitoso. E assim, conforme a confiança em tão grande clemência, se alguém de nós condenar os seus crimes com conduta louvável e crer em Cristo de todo o coração, saiba que também agora abriu em si mesmo ao ladrão a entrada do Paraíso.») Eusébio, bispo galicano, *De Latrone beato*, em *Bibl. Maxim. PP.*, t. VI, 644.

[4] *Latro non multo tempore Paradisi ingressum impetravit; sed eo spatio quo verbum unum profertur, eo momento abstersis totius vitæ suæ peccatis, etiam ante apostolos, probationis præmium accepit.* («O ladrão não levou muito tempo para obter a entrada no Paraíso; mas no espaço em que se profere uma palavra, naquele momento, enxugados os pecados de toda a sua vida, recebeu, ainda antes dos apóstolos, o prêmio da prova.») *Ad Theod. laps.*, *Opp.*, t. I, p. 9, n.º 6.

[5] *Enarrat. in ps.* L, n.º 3 e 5. *Opp.*, t. IV, p. 658, 660.

[6] Eusébio, *Hist.*, liv. III, cap. XVII.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:40:18 by Admin
Updated 25 November 2026 00:40:18 by Admin